

José Tatico já trabalha para chegar ao Buriti

Givaldo Barbosa

Chapéu, bota, cinto largo, anel de pedra vermelha no dedo anular da mão esquerda. O visual de cantor sertanejo em nada lembra o estilo sóbrio dos colegas empresários de José Tatico e a diferença não pára aí: ele foi lançado sexta-feira passada pela Associação Comercial e Industrial de Ceilândia como o candidato da satélite a governador do DF. Uma candidatura, afirma o presidente da entidade, Hilton Mendes, que conta com a adesão hoje de mais de 40 núcleos comunitários, sindicais, benfeiteiros e empresariais. Resultado da articulação da valorização política do eleitorado da periferia. "Há quatro anos tínhamos uma idéia, agora a idéia ganhou um corpo", diz Mendes.

Polêmico, José Tatico encarna hoje o ideal de Ceilândia de influir na disputa do Palácio do Buriti. Seu cacife, segundo seus aliados, seria de 120 mil votos, projeção feita com base em prévias eleitorais locais onde Tatico apareceu em primeiro lugar. É por isso que seus correligionários avisam — é melhor não dar muita importância à aparência ou ao mau Português — o que conta em eleição, frisam, é o voto.

Segundo colégio eleitoral do DF, Ceilândia tem, de acordo com o Tribunal Regional Eleitoral, 200.833 eleitores, segundo dados de 17 de novembro. "É um potencial considerável se se unir", daí porque a escolha de Tatico foi independente de partidos. Promovidas as prévias pela Associação Comercial de Ceilândia seu nome sobressaiu, só depois é que foram iniciadas as negociações partidárias e veio a definição pelo Partido Progressista, do governador Joaquim Roriz. Veja abaixo a entrevista concedida com exclusividade ao JBr.

JBr — O senhor é candidato a governador pelo PP?

— Quem manda é o povo, o povão que está aí e Ceilândia. Se nós estivermos bem nas pesquisas, à época da convenção partidária, espero sair candidato.

— Este foi o acordo que o senhor fez com o governador Joaquim Roriz?

— Isto foi o que ele me falou na quinta-feira da semana retrasada quando nos encontramos.

Explique melhor.

— É simples. O governador me falou que seu sucessor será o que estiver em primeiro lugar nas pesquisas de opinião.

Isto aconteceria independente das alianças feitas até agora?

— Não adiantam acordos anteriores. Se for lutar com quem tem menos força ele (o governador) terá mais trabalho. Uma pessoa que está sendo mais fácil de levar é a que tem de ir. É a impressão que eu tenho.

Como o senhor aparece tão bem nas prévias realizadas até agora em Ceilândia?

— Primeiro é Deus, depois o povão.

E o que o senhor já fez pelo povão?

— Não sei. O que me procura eu faço. Nunca dei nada para depois. Me procurei, resolvo na hora.

O senhor tinha ambição de fazer carreira política?

— Não. Vinha trabalhando em Ceilândia sem nada na minha cabeça. Mas agora estou sentindo que o País está precisando que entre um homem honesto e trabalhador. Então, vou botar meu nome à disposição.

ção, o povo é que escolhe, fica na vontade dele.

O senhor já pensou na sua plataforma eleitoral? O que irá defender?

— Tudo o que for ruim eu quero defender.

Como assim?

— Tudo que estiver ruim eu vou tirar fora.

"Quem estiver em primeiro lugar nas pesquisas de opinião será o sucessor do governador"

Exemplo.

— Desemprego. Nós não temos meio de tocar a nossa vida do jeito que está: esse povo pedindo esmola todo o dia. Temos de arranjar emprego para eles. Estudo também, está muito ruim. Em vez de professora ficar fazendo greve, tem de estar na escola tratando com carinho os alunos e ganhando bem. É muita coisa. Tudo o que estiver dando nó e dificuldade temos que cortar.

Como o senhor pretende realizar isto? A que grupos o senhor irá se aliar?

— A um grupo bom, né! O que puder fazer e ajudar é o que nós vamos estar juntos.

O senhor se autodefine como o candidato das satélites. Qual

Sua estratégia para garantir a adesão do Plano Piloto?

— Não vou mudar nada. É do jeito que eu estou é que eu vou. Eu vou estar junto com todo mundo, queria acompanhar tudo e todos na capital. Lutarei por Brasília 24 horas por dia. E a hora em que a gente estiver no governo, o que for aparecendo a gente vai arrumando, vamos tirando fora.

É como administrar uma loja?

— Tem diferença, né. Mas tem mais carinho e eu vou é com toda a força, e, também, vou ter muito mais gente para me ajudar a administrar. Governar com o povo, é isto — e eu quero estar no meio dele. Espero que Deus me dê força para resolver os problemas.

Em política há compromissos, alianças, grupos. Depois de

eleito o senhor conseguiria fazer isto?

— Vou ter compromisso com o povo. O povo é quem está precisando e mais ninguém.

Mas o senhor vai ter compromisso também com o empresariado, o senhor é empresário e está sendo lançado por uma associação comercial?

— Nós vamos é trabalhar. Eu quero deste povo é tranquilidade. Eu quero fazer de Brasília uma cidade pacata. Não quero besteira comigo, bobagem nenhuma. Meu governo será simples, humilde e voltado para o povo, e, tenho certeza que o empresariado vai ajudar, funcionário, operário, todo mundo. É o que eu espero do nosso povo e o nosso povo é eficiente.

Sua eleição representaria o fim da marginalização das

cidades-satélites?

— Não somos marginalizados. A cidade é que cresceu muito. Os lugares são longe, não estamos muito largados. Depois, eu estou chegando aí para acabar de resolver isto, vou estar mais presente.

Como?

— Fazendo. Não temos que pensar em nada. Se estivermos

"Tudo o que estiver dando nó e dificuldade, temos que cortar."

É a minha plataforma."

atuantes em cima, daremos conta de tudo.

O senhor é a favor ou contra eleições diretas para administrador regional?

— No dia seguinte à minha eleição, as cidades-satélites já estarão fazendo suas prévias. Eles é quem os escolherão, e, o povo escolhendo eu apóio. Se eles escolherem errado, problema deles. O que é bom já pode ir trabalhando para sua eleição.

Já tem nomes para o secretariado?

— Ainda está longe, falta quase um ano. Mas eu quero uma equipe boa. Quem entrar em política comigo vai entrar para trabalhar. Se for para ficar mamando em teta de governo pode desistir que não vai ter.

Nada de maracutaias?

— Nada. Vou largar o meu negócio para um lado e vou me dedicar ao governo.

Quem vai sucedê-lo na empresa?

— Há muito treino os meninos. Tem um de 12 anos que já faz compras para o supermercado. Lá em casa se aprende a trabalhar cedo. Tem de aprender com o pai: só sei trabalhar.

Sabe fazer política ou é complicado?

— Quem arruma complicação em política é quem quer complicar. O negócio é fazer a coisa certa e ter o apoio do povo.

Qual sua motivação para a carreira política?

— Sempre gostei de ficar no meio do povo e ajudar. Acho que vou poder contribuir. Todo mundo quer governar Brasília.

Se no dia da convenção o senhor não for o primeiro nas pesquisas, como é que fica?

— Apoiarei quem estiver em primeiro, serei seu companheiro.

Aceitará se candidatar a outro tipo de vaga?

— Isto ficará à escolha do governador. Partido é assim.

Interessante, até quarta-feira passada o senhor não tinha passagem partidária e agora é um homem de partido?

— Mudei. Agora eu sou um homem de partido, não sou eu mais.

Quais os partidos que o sondaram para conseguir sua filiação?

— PP, PL, PMDB, PSC, PFL, sendo que o PL me ofereceu a legenda para candidatar-me a governador.



Sem abandonar o estilo sertanejo, o empresário José Tatico quer disparar nas pesquisas para ser o candidato do governador